

“A ANTIGA RIQUEZA DA REGIÃO”: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE A PRODUÇÃO DE BATATAS
NA VILA DE NOVA FRIBURGO/RJ, (1850-1920)

“THE REGION’S OLD WEALTH”: AN INTRODUCTORY ANALYSIS ABOUT POTATOES PRODUCTION IN NOVA
FRIBURGO’S VILLAGE / RJ, (1850-1920)

Gabriel Almeida Frazão*
gabrielalmeidafracao@gmail.com

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo apresentar as reflexões iniciais sobre a produção da batata na Vila de Nova Friburgo, no século XIX e início do século XX. Para tal, por meio da microanálise e da variação de escalas, o texto se fundamenta na análise bibliográfica e no exame de diversos documentos impressos. Com base nessas fontes foi possível compreender a importância econômica do tubérculo, que, além de ser consumido localmente, era destinado a mercados regionais. Esse cenário fez com que os cultivadores luso-brasileiros do gênero conseguissem destaque social na antiga colônia suíça de Nova Friburgo. Espera-se, assim, contribuir, a partir de uma análise regional, para o entendimento da importância de um gênero agrícola que teve papel fundamental no abastecimento do mercado interno, apesar de ainda ser pouco estudado.

PALAVRAS-CHAVE: História Agrária, Batatas, Nova Friburgo (RJ).

ABSTRACT: This article intends to introduce initial reflections about potato productions in Nova Friburgo’s village, in the nineteenth century and the beginning of 20th century. For such situation, it grounds itself in a bibliographic analysis and many printed documents exams over micro-analysis and scale variations. Based on these resources, it was possible to comprehend the economic importance on the tuber. Furthermore, it’s consumed by the local population, it was destined to regional markets. This scenario could have made cultivators from the group – luso-brazilian – gender to get a social detach in the old swiss colony. It’s hopeful to get an understanding then of contributing from a regional analysis the agricultural gender importance, it had an essential role on filling the inside market, although it’s not so explored for studies.

KEYWORDS: Agrarian History, Potatoes, Nova Friburgo (RJ).

Introdução: a revolução das batatas

Fernand Braudel (1995) destaca a importância da batata para a sociedade europeia, principalmente, no século XIX. O aumento da concentração demográfica nos centros urbanos fez com que a população mais pobre demandasse mais alimentos, o que impulsionou o consumo do tubérculo. Dessa forma, se desde o século XVI o gênero americano já se espalhava pela Europa, ele adentra, de fato, as casas europeias após a Revolução Industrial. Além da Península Ibérica e da Irlanda, o autor identificou o sucesso do cultivar na Suécia, Suíça e Alemanha. Nessas regiões, a batata diminuiu a pressão dos camponeses sobre os cereais, que, ao invés de serem consumidos pelas famílias, podiam ser levados para o mercado,

* Doutor em Sociologia Rural pelo CPDA/UFRJ. Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professor de História do Instituto Federal Fluminense, no Campus Cambuci.

aumentando a renda familiar. Todo esse cenário fez com que Braudel afirmasse que essa “nova cultura teve [na Europa] a proporção de uma revolução” (BRAUDEL, 1995, p. 147).

Essa revolução também ocorreu em Portugal. Margarida Neto (1994) afirma que a batata – chamada de castanha das Índias – disseminou-se pela região de Coimbra por conta da crise da produção e da carestia dos cereais no século XVIII. Objeto de estudos dos fisiocratas, ela foi vista como solução para as crises alimentares portuguesas, já que poderia ser plantada em terrenos pobres e destinada à alimentação de animais, inclusive de gado vacum. Tal visão também foi assumida por algumas autoridades administrativas incumbidas de convencer os camponeses a adotarem o plantio. O cultivo da batata se espalhou, na segunda década do século XIX, por várias regiões de Coimbra, exceto as de solo úmido e/ou alagado, tornando-se importante para a alimentação dos portugueses (NETO, 1994). Pedro Tavares e Ana Lopes, ao examinarem a região de Trás-os-Montes, ratificam a posição da autora, destacando, ainda, como, ao longo do século XX, a batata passou a servir de acompanhamento comum a outros, como o bacalhau e diversos tipos de carne (TAVARES e LOPES, 2020). Ademais, também nos Açores ela foi cultivada por um grande número de agricultores (MATOS, 1979).

No tocante à realidade brasileira, a batata ainda não foi objeto de estudos específicos por parte da historiografia dedicada à análise do mercado interno. Caio Prado Jr, apesar de reconhecer a importância de algumas culturas para a alimentação colonial (milho, feijão, trigo e mandioca), entende que outros gêneros, como as hortaliças, não mereciam um exame específico, já que eram consumidos, nos grandes centros, pelos poucos abastados (PRADO JR, 2004). Sérgio Buarque de Holanda, além de corroborar o papel do trigo e do milho para a sociedade colonial, destaca o papel de outros cultivares. Por meio da obra de Antonil, ele reconhece que em Minas, nas áreas próximas às estradas, havia roças de abóbora e de batatas (HOLANDA, 1994, p. 186; ANTONIL, 1997, p. 239). O autor percebe também o impacto das leis abolicionistas no aumento da demanda e do preço dos produtos destinados ao mercado interno, dentre os quais figuravam as batatas (HOLANDA, 1995).

Gilberto Freyre defende que a batata, ao lado do milho, do cacau e da mandioca, foi um dos produtos pioneiros do que chamou de “sistema nacional da alimentação brasileira” (FREYRE, 2003, p. 97), constatando que ela não estava presente apenas nas mesas do mais pobres. Desde a vinda da Corte para o Rio de Janeiro, cresceu a influência da culinária

européia, o que fez com que a batata inglesa fosse adotada também pelos grupos mais abastados (FREYRE, 2003). Câmara Cascudo confirma as constatações de Freyre sobre a importância da batata na vida dos brasileiros e, principalmente, dos sertanejos. Comungando a posição de Braudel, o pesquisador destaca que a batata foi um dos primeiros gêneros exportados da América para Europa e que se espalhou por diversas regiões. Nesse sentido, informa, ainda, que ele serviu de base alimentar para os tripulantes dos navios aportados no Brasil no século XVIII (CASCUDO, 1967).

Maria Yeda Linhares aprofunda a temática sobre os gêneros alimentícios dedicados ao mercado interno. A autora percebe como, desde a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, a distância e a precariedade das estradas que ligavam os principais centros fornecedores de carne, de queijo e de toucinho, oriundos de Minas, e a baixa produção de hortaliças em áreas próximas ao Rio de Janeiro tornaram crítico o abastecimento da cidade. Esse quadro se agravou ainda mais diante das leis abolicionistas da segunda metade século XIX, impactando profundamente a população mais pobre. A partir da análise de vasta documentação, ela constata que um dos itens mais consumidos por esse grupo (cerca de 74 mil residentes do Rio) eram as batatas. Ademais, ressalta que a batata era comum nas mesas dos alemães, franceses e ingleses que residiam na capital. (LINHARES, 1970). A perspectiva de análise inaugurada por Linhares gerou uma série de trabalhos sobre a agricultura voltada ao mercado interno (FARIA, 1986; MOTTA, 1989; LENHARO, 1992; CASTRO, 2009). Contudo, eles também não abordaram diretamente a cultura da batata. Essa situação se deve, possivelmente, ao fato de essas obras terem se dedicado a regiões pouco propícias a esse cultivo. A mesma lacuna persiste em produções mais recentes dedicadas à história da alimentação no Brasil (CHAIBAN e HERMÁN, 2004; SANTOS, 2005; ALGRANTI e MACEDO, 2020).

A análise de alguns manuais agrícolas do século XIX mostra que as batatas se adaptavam a regiões secas e/ou elevadas. Theodoro Peckolt, por exemplo, ressalta a existência de plantações voltadas para o mercado na região fluminense da Serra dos Órgãos (PECKOLT, 1871, Vol. 2, p. 81). O padre Antonio Fonseca, em sua análise sobre a Província de Minas Gerais, ratifica essa posição ao afirmar que a batata preferia as serras “açoitadas pela geada” (FONSECA, 1863, p. 42). Já o estudo de Antonio Carvalho, realizado também em território mineiro, aponta para a preferência da batata pelas terras secas (CARVALHO, 1899, p. 123). Ademais, a partir dos manuais, nota-se também que a produção foi alvo das políticas

de melhoramento agrícola do Período Imperial (BOTH, 2020). Além da batata ser importante para alimentação dos animais (FONSECA, 1863, p. 38; CARVALHO, 1899, p. 122), o fato de ela se destinar também a solucionar as demandas do mercado consumidor interno teria motivado tais estudos, os quais, por sua vez, ratificam a sua importância econômica. Esse cenário está claramente exemplificado no trecho a seguir, escrito por Taunay, no qual ele informa que:

A batata que os brasileiros chamam de inglesa, porque agora as suas cidades marítimas são supridas deste gênero pela Inglaterra, não se dá verdadeiramente muito bem na beira mar; porém, nas regiões de serra acima e províncias meridionais, não cede a palma, pela abundância ou qualidade da colheita, às de importação. O território da colônia suíça [Nova Friburgo], lhe é peculiarmente favorável, mas oh desgraça! A colônia dista da Corte em 24 léguas, e as despesas que se fazem da condução do gênero são tais que se não podem vender tanto em conta como as que são transportadas de Cok na Irlanda, a mais de 2 mil léguas de distância (TAUNAY, 2001[1839], p. 164-165).

Diante dessas constatações e da percepção da existência de uma lacuna sobre a produção de batata no Estado do Rio Janeiro, o presente artigo tem como objetivo apresentar as reflexões iniciais sobre a produção do cultivar na Vila de Nova Friburgo, no século XIX e início do século XX. Este estudo, intrinsecamente relacionado às discussões da história agrária (MOTTA, 2005), parte do princípio de que somente a partir de estudos regionais é possível entender a complexidade da agricultura brasileira (LINHARES e SILVA, 1981). Assim, por meio da microanálise e da variação de escalas (REVEL, 1998; LEVI, 2000), ele se fundamenta na análise bibliográfica e no exame de diversos documentos impressos, tais como: relatos de cronistas e de outros agentes que passaram por Nova Friburgo; periódicos; documentos administrativos, produzidos em grande parte pela Câmara Municipal; e dados do Censo Agrícola de 1920. Essas fontes permitem compreender o papel da produção de gêneros destinados ao mercado interno na economia friburguense, com destaque para a batata.

O texto se divide em quatro seções. Esta primeira, que agora se encerra, de caráter introdutório, apresentou a justificativa, o referencial teórico-metodológico e as fontes utilizadas na construção do artigo. A segunda descreve o panorama das pesquisas sobre a agricultura voltada ao abastecimento interno em Nova Friburgo e região, que destacam o papel dos imigrantes alemães e suíços. A terceira se concentra na análise da produção das batatas em uma porção ainda pouco estudada de Nova Friburgo, as chamadas “Terras Frias”. Defende-se, aqui, que o cultivo da batata esteve nas mãos de proprietários luso-brasileiros, que, ao longo do século XIX, consolidaram-se como fazendeiros locais. Ademais, argumenta-

se que a região se manteve como grande produtora do gênero até meados do século XX, sendo a responsável pelos números do cultivar em Nova Friburgo e em Teresópolis (município vizinho), de acordo com o Censo Agrícola de 1920.

Os imigrantes suíços e alemães e a produção de batatas em Nova Friburgo (Séc. XIX)

Nas últimas décadas, alguns trabalhos vêm chamando atenção para a importância de Nova Friburgo e de regiões vizinhas na produção alimentícia. A colônia de suíços foi fundada em um contexto no qual havia preocupação com o abastecimento da Corte Portuguesa, instalada na cidade do Rio de Janeiro (LINHARES, 1979; LENHARO 1992;). Tentou-se, assim, desde o início da colonização (1820), difundir o plantio de cereais na região. Além de alguns animais e de batatas, os colonos receberam sementes de trigo, de arroz, de feijões e de milho para serem cultivadas em suas terras (NICOULIN, 1995; MAYER, 2003). Contudo, a intenção de transformar a região em um grande produtor de cereais não logrou o êxito esperado, pois apenas o milho e as batatas rendiam boas colheitas.

Diante desse cenário, os imigrantes logo se apropriaram de outros gêneros produzidos e consumidos pelos luso-brasileiros residentes em Nova Friburgo. A mandioca, por exemplo, passou a ser cultivada pelos suíços e, depois, pelos alemães. O feijão, o milho e a farinha de mandioca passaram a fazer parte da dieta dos imigrantes junto com itens por eles consumidos na Europa, tais como: as batatas, a manteiga e o queijo (MAYER, 2003). A batata, produto conhecido pelos suíços e que, segundo os manuais agrícolas do XIX, adaptava-se bem ao clima frio e seco dos terrenos mais elevados (TAUNAY, 2001 [1839]; PECKOLT, 1871; FONSECA, 1863; CARVALHO, 1899) aparece com destaque, desde os anos iniciais, em vários documentos de época, como um dos principais cultivares da colônia (MAYER, 2003). A produção desses gêneros não se destinava apenas ao consumo familiar, mas também a outros mercados. Sheila Faria, em artigo recente, ratifica a posição já consensual de que, nos primeiros anos de ocupação, muitos helvéticos se ocuparam com a produção de porcos, galinhas e batatas, que eram escoados para o Rio de Janeiro (FARIA, 2018). Contudo, a autora entende que esses produtos não eram os que mais atraíam os imigrantes, que logo se dispersariam pelo território a procura de áreas mais propícias ao cultivo de café. De fato, a historiografia dedicada à região destacou esse movimento, relacionado também ao fim da ajuda financeira prometida por D. João VI aos colonos e às críticas deles à má qualidade do solo (NICOULIN, 1995; LISBOA, 1998; MAYER e ARAÚJO, 2003; BOM, 2004; MARRETTO, 2018).

Os estudos trazem, por exemplo, relatos nos quais alguns imigrantes informavam, para familiares que haviam ficado na Europa, que as terras recebidas eram propícias apenas para produção de gêneros de subsistência, como as batatas, o milho e outros legumes (MARRETTO, 2017).

Contudo, muitos imigrantes permaneceram no território da colônia, dedicando-se à produção de gêneros que abasteciam a Vila de Nova Friburgo e o mercado regional. Se é inegável o interesse de muitos deles pelo plantio do café, destinado ao mercado internacional, deve-se ter em conta que havia possibilidade de obter lucros na produção de gêneros para o mercado interno (LINHARES, 1979; MOTTA, 1989; CASTRO, 2009). Esses produtores se beneficiaram do estabelecimento de uma rota de comércio que ligava o município de Cantagalo, grande produtor de café, a Porto das Caixas, no atual município de Itaboraí. Esse lugarejo, situado abaixo da Serra da Boa Vista, tinha movimentados portos fluviais que, desde de o século XVII, escoavam cana de açúcar e outros produtos para a capital. A movimentação cresceu no século XIX, impulsionada não somente pela vinda da Corte e pela produção de café cantagalense, como também pela produção agrícola friburguense. As tropas que passavam pelo povoado estavam carregadas de café e de outros gêneros produzidos em Nova Friburgo, como: o milho, a batata e o toucinho (CRISTO, 2017).

A documentação produzida pela administração da Vila de Nova Friburgo ratifica essa posição. Em 1835, chegou à Câmara Municipal um projeto para abertura de uma estrada que, passando pelo vale do Macaé, facilitasse a comunicação de Nova Friburgo com o litoral. Diante dessa intenção, os vereadores categoricamente confirmaram a sua preferência pela:

atual estrada da serra da Boavista aberta pelos primeiros possuidores de Cantagalo daquela vila em direitura atravessa esta, segue ao Porto das Caixas onde o embarque é favorável, menos dispendioso e mais seguro; as comunicações com as povoações de serra abaixo, municípios de Macacu, Itaboraí e Praia Grande com favorável cômodo dos transportes da agricultura dos seus habitantes, mesmo com a Província de Minas, pelo Paraíba e vila da Pomba, é portanto a que tem de fazer uma grande parte da riqueza da Província com maior interesse da sociedade, por nela já transitar milhares de bestas exportando café, tabaco, batata e outras produções da nossa fértil agricultura. (ATAS DA CÂMARA DE NOVA FRIBURGO, 2015, p. 394)

Ademais, a resposta enviada à Assembleia Legislativa Provincial resalta uma série de produtos – além dos citados – que, a partir da construção/manutenção das estradas, poderiam

se desenvolver ainda mais, como: “as árvores frutíferas da Europa(...), chá, trigo, mamona e a mesma criação vacum, muar e cavalos” (ATAS DA CÂMARA DE NOVA FRIBURGO, 2015, p. 395).

Outro documento importante para a compreensão da agricultura de Nova Friburgo é o relato produzido por João Luiz Vieira Cansanção de Sinimbu, intitulado: *Notícias das Colônias Agrícolas Suíça e Alemã Fundadas na Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo*. O texto deste juiz da comarca de Cantagalo, em 1852, traz dados importantíssimos sobre as atividades econômicas da Vila, tais como: as cifras referentes à produção e à produtividade; o preço; e o destino de vários gêneros agrícolas friburguenses (SINIMBU, 1852). Sinimbu percebeu a complementariedade entre a economia cafeeira de Cantagalo e a produção de gêneros para o mercado interno. Além de ele destacar o fato de as tropas levarem e trazerem produtos de Porto das Caixas, ressalta como elas incrementaram a produção de milho que era consumido pelos animais quando passavam por Friburgo. Segundo Sinimbu, a criação de animais (vacas, porcos, cabras, carneiros, galinhas, patos e perus) se generalizou, trazendo a abundância de recursos (SINIMBU, 1852, p. 16). Ele identifica também a existência de uma feira local, realizada aos domingos, no centro de Nova Friburgo, onde era possível comprar: leite, manteiga fresca, ovos, galinhas, patos, perus, batatas, frutas e hortaliças. Dessa forma, mesmo estabelecendo uma hierarquia da riqueza entre os colonos, na qual os produtores de café da região de Cantagalo estariam no topo, seguidos pelos produtores da rubiácea no Vale do rio Macaé, Sinimbu reconhece que produtores de milho, batata e toucinho, também se achavam em “circunstâncias favoráveis” (SINIMBU, 1852, p. 17).

Contudo, se, por um lado, Sinimbu destaca a importância dos gêneros alimentícios na economia regional e para o desenvolvimento de Friburgo, por outro, ao valorizar o papel dos imigrantes suíços e alemães, ele diminui a contribuição de outros grupos locais. Ao longo do seu relato, o autor, apenas em um momento, reconhece que o povoamento inicial de Cantagalo se deu por mineiros e sesmeiros oriundos do Rio de Janeiro (SINIMBU, 1852, p. 21). A sua clara intenção de valorizar os colonos europeus, manifestada no próprio título do relato, pode ser a chave de entendimento dessa situação. O autor que, anos depois, atuou no Ministério da Agricultura, e, enquanto presidente de Província, apoiou projetos de imigração alemã no Sul do país, tinha o intuito de destacar o potencial agrícola dos projetos de colonização (CUNHA, 1988). A preocupação com a conjuntura do final do tráfico internacional de escravizados e com a produção de gêneros alimentícios se manifesta, tacitamente, quando

o autor afirma que, por conta da lei Euzébio de Queiróz, os donos dos cafezais destinariam cada vez menos mão de obra para a produção de gêneros locais, como o milho (LINHARES, 1970; HOLANDA, 1995; COSTA, 2010). Diante desse quadro, Sinimbu valorizou o potencial agrícola de Friburgo, que, por exemplo, deveria se preparar para um crescimento da demanda de milho (SINIMBU, 1852, p. 23). Por fim, a defesa da tese da importância da colônia de produção de alimentos explicaria o cuidado de Sinimbu de incluir dados sobre a produtividade de outros gêneros além do café, que, apesar de não ser encontrado no centro da Vila de Nova Friburgo, era cultivado em outras áreas pertencentes ao município (MARRETTO, 2020). Dos cultivos destacados pelo autor, os mais produtivos eram: o feijão, o milho e a batata.

Não é possível analisar detalhadamente aqui o texto de Sinimbu, mas essa rápida digressão ajuda a entender os motivos pelos quais ele não apresentou o papel de outros grupos ligados ao cultivo de gêneros alimentícios, como a própria batata, em Nova Friburgo. Por sua vez, o fato de historiadores terem trabalhado com esse texto colaborou para que esse cenário fosse perpetuado. Mesmo assim, nas últimas décadas foram publicadas análises que, ao relativizarem o chamado “mito da Suíça Brasileira”¹ valorizaram o papel de outros grupos na história de Nova Friburgo (MAYER e ARAÚJO, 2003; ARAÚJO, LO BIANCO e COSTA, 2019; COSTA e GUIMARÃES, 2020). Contudo, a região ainda carece de estudos mais sistemáticos sobre a produção de gêneros voltados para o abastecimento interno. Os trabalhos que lidam com temas mais especificamente relacionados à história agrária focalizam a produção cafeeira (MARRETTO, 2017, 2018 e 2020). Essa opção, por sua vez, faz com que eles se dediquem a algumas regiões, pertencentes a Nova Friburgo, no século XIX, mais propícias ao cultivo, como as Freguesias de São José do Ribeirão e Nossa Senhora de Conceição do Paquequer, áreas com grandes contingentes de escravizados e voltadas para o atendimento das demandas do mercado internacional (LISBOA, 2003).

O estudo pioneiro sobre a temática do abastecimento em Nova Friburgo foi desenvolvido por Jorge Miguel Mayer. Assumindo o desafio de analisar a organização

¹ João Raimundo de Araújo investigou as raízes da construção da tese de que Nova Friburgo seria a Suíça brasileira. Segundo o autor, tal ideia, que ele chamou de mito da Suíça brasileira, se iniciou ainda em 1918, por conta do primeiro centenário da fundação da colônia de Nova Friburgo. Essa visão foi defendida pela classe dirigente local como forma de disciplinarização da classe trabalhadora que deveria acreditar viver em uma terra de grandes belezas e de povoamento diferenciado do restante do Brasil. Dessa forma, durante algumas décadas, alguns estudiosos não se preocuparam em estudar a contribuição de outros povos na construção do município (ARAÚJO, 2003).

produtiva da região do Vale do Rio Macaé, o autor trouxe à tona a história de uma série de famílias de origem suíça que, durante muitos anos, sustentaram com a criação de animais e o cultivo de: bananas, milho, mamonas, inhames, hortaliças e diversos tipos de batatas (MAYER, 2003). Contudo, apesar do ineditismo, seu recorte fez com que ele se atentasse, apenas, para a produção dos antigos colonos. A documentação utilizada – inclusive o relato de Sinimbu – corroborava a tese de que muitos deles, mesmo se dispersando para além dos limites dos lotes coloniais, tiveram êxito com produtos destinados ao consumo local. Para o autor, o processo de produção agrícola voltado ao mercado interno se intensificou na virada para o século XX devido à crise da produção cafeeira provocada pela abolição da escravatura; ao crescimento populacional contínuo dos centros urbanos, principalmente da capital; e à separação, de Nova Friburgo, dos distritos de Paquequer, Sumidouro e Sebastiana, os dois primeiros ligados à produção cafeeira e onde se encontravam a maior parte dos latifúndios. Para fundamentar a sua hipótese, o historiador recorre aos dados do Censo Agrícola de 1920, ressaltando, em primeiro lugar, a forte difusão do feijão, do milho e das batatas nas propriedades friburguenses. Esses gêneros estão presentes, respectivamente, em 828, 822 e 623 dos 1037 estabelecimentos recenseados. Em segundo lugar, aponta para o fato de a maioria das propriedades (75%) serem de pequeno porte, ou seja, inferiores a 100 hectares. Por fim, o autor destaca a importância da batata para a economia do município ao constatar que Friburgo era o segundo maior produtor do estado do Rio de Janeiro.

A análise de Mayer confirma importância do feijão, do milho e da batata para a agricultura de Nova Friburgo. Tendo em vista que esses produtos foram apontados por Sinimbu, na década de 1850, como os mais produtivos nas terras friburguenses os dados do Censo de 1920 demonstram que os cultivos se difundiram com o passar do tempo (Ver Quadro 1). Além disso, chama a atenção o papel da batata na agricultura local, pois ele estava presente em 61% das propriedades. Entretanto, o recorte espacial adotado pelo autor não favoreceu a percepção de que os produtos destacados por ele e por Sinimbu marcariam a economia da Serra Fluminense como um todo. Um rápido exame dos dados dos atuais três maiores municípios da Região Serrana corroboram essa posição:

Quadro 1 - Principais gêneros agrícolas - Região Serrana RJ, por município (1920)

Município	Nº. T. P ¹	Milho		feijão		batata	
		Nº. P ²	%P ³	Nº.P ²	%P ³	Nº.P ²	%P ²
Friburgo	1037	922	89%	828	80%	629	61%
Teresópolis	382	357	93%	341	89%	271	71%
Petrópolis	647	524	81%	473	73%	208	32%

1 - Número total de propriedades Listadas no Censo.

2 - Número de propriedades produtoras do gênero.

3 - Percentual de propriedades produtoras do gênero.

Fonte: Elaborado pelo autor (BRASIL, 1920)

Os três itens aparecem com percentuais semelhantes nos três municípios. A maior variação se encontra na quantidade de batatas produzidas em Petrópolis. Todavia, apesar de esse número ser bem inferior aos dos outros, a análise do Censo de 1920 ratifica a importância da batata para a economia da Cidade Imperial. O Quadro 2, a seguir, corrobora essa posição:

Quadro 2 - Produção de Batatas - Região Serrana RJ, por município (1920)

Município	Nº. T. P ¹	Nº. P ²	% P ³	Prod. T ⁴	Pos. RJ ⁵
Teresópolis	382	271	71%	3.016	1º
Friburgo	1037	629	61%	1.141	2º
Petrópolis	647	208	32%	1.003	3º

1 - Número total de propriedades listadas no Censo;

2 - Número de propriedades que cultivam batatas;

3 - Percentual de propriedades que cultivam batatas;

4 - Produção em toneladas de batatas;

5 - Posição ocupada pelo município no ranking do Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Elaborado pelo autor (BRASIL, 1920)

Mesmo sendo cultivada em um número bem menor de propriedades, a batata era importante para a economia petropolitana, já que o município era o terceiro maior produtor do estado do Rio de Janeiro, com uma produção de mais de 1.000 toneladas por ano. Tendo em vista que, segundo o mesmo Censo, a produção total fluminense era de 6.008 toneladas, essas três unidades administrativas eram responsáveis por 85% das batatas colhidas no estado. Mesmo tendo em conta que essa análise comparativa seria objeto de um estudo específico, os dados apresentados comprovam que os agricultores situados em regiões de montanha e de clima frio se destacavam na produção de batatas.

A identificação desse cenário permite relativizar algumas observações feitas por Mayer no que se refere à produção de batatas de Nova Friburgo. Sem negar a importância da produção de alimentos na área estudada pelo autor, verifica-se que as plantações do gênero

se concentraram em outras regiões do município, de clima ainda mais frio. Ademais, essa mudança no local e na escala da análise (REVEL, 1998) permite identificar a participação de outros grupos sociais, como os luso-brasileiros, no cultivo e na venda da batata. Como se verá mais abaixo, ela fez parte da atividade de pessoas que no século XIX conseguiram auferir ganhos econômicos e destaque social em outros territórios pertencentes à Friburgo.

Os luso-brasileiros e a produção de batatas nas na Freguesia de São João Batista e nas “Terras Frias” de Nova Friburgo

Como ficou claro nas páginas anteriores, Nova Friburgo era um importante produtor de gêneros para o mercado interno. Dentre os produtos citados, as batatas eram, desde as primeiras décadas da criação da colônia suíça, um alimento destinado ao consumo das famílias e à venda no mercado regional. Essa tese pode ser mais bem esmiuçada por meio da análise de outras fontes, menos exploradas pelos autores citados na partição anterior, dentre as quais, o *Almanak Laemmert*. O exame dessa publicação, que reunia o nome de agentes importantes política, social e economicamente (MACHADO, 2011), contribui não somente para o entendimento do papel da batata na economia de Friburgo, como para a compreensão do reconhecimento social alcançado pelos seus produtores.

A partir da pesquisa, verificou-se que, entre os anos 1857 e 1864, foram listados, no *Almanak*, um conjunto de proprietários de Nova Friburgo dedicados ao plantio de batatas. Esse grupo, classificado como “cultura de batatas”, aparecia como uma categoria à parte da dos fazendeiros e só figurava na Freguesia de São João Batista, sede da administração municipal. Cabe lembrar que, nesse momento, o município era formado, além da sede, por outras duas unidades administrativas: Nossa Senhora de Conceição do Paquequer e São José do Ribeirão, áreas onde se localizava a maior parte dos cafezais friburguenses (LISBOA, 2003, MARRETO, 2020). Diante do fato de essas regiões não apresentarem produtores de batatas e de terem um arranjo econômico diverso, optou-se por examinar os dados relativos ao território da sede administrativa. Esse procedimento possibilitou a construção do Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 - Cultura de Batatas - Freguesia de São João Batista - Nova Friburgo (1857-1864)

Ano	T. Faz ¹	Cult. Batata		Faz. Café		Faz. de Criar		S. Especificação	
		N.º ²	% ³	N.º ²	% ³	N.º ²	% ³	N.º ²	% ²
1857	89	17	19%	47	53%	2	2%	23	26%
1858	42	17*	40%	14	33%	3	7%	8	19%
1859	45	16*	36%	15	33%	3	7%	11	24%
1860	43	17	40%	12	28%	1	2%	13	30%
1861	44	17	39%	12	27%	2	5%	13	30%
1862	44	17	39%	12	27%	2	5%	13	30%
1863	45	17	38%	12	27%	2	4%	14	31%
1864	45	17	38%	12	27%	2	4%	14	31%

1 – Total de fazendas listadas na Freguesia de São João Batista, sede do município de Nova Friburgo.

2 – Número de fazendas dedicadas ao gênero listado.

3 – Relação percentual entre o total das fazendas e o número dedicado ao gênero listado.

* Nesses anos há outro proprietário ligado ao cultivo de batatas, Dimas Ferreira Pedrosa, que, por ser citado, na fonte, primeiramente como “proprietário de fazenda de criar”, não foi computado nessa numeração.

Fonte: Elaborado pelo autor (Almanak Laemmert – 1857-1864)

Os dados indicam o percentual dos proprietários dedicados ao plantio de batatas na Freguesia de São João Batista. Fica clara a importância da batata, que chegou a ser cultivada por 40% dos produtores rurais. O pequeno percentual presente no ano de 1857 está relacionado ao fato de o periódico não ter listado separadamente os fazendeiros de São José do Ribeirão dos fazendeiros da sede. Esse procedimento, explicaria, assim, não somente o grande número de propriedades listadas (89), como a grande porcentagem dedicada ao cultivo do café (53%). Uma vez que, a partir do ano seguinte, havia uma listagem de produtores específica para essa Freguesia de São João Batista, os números se mantiveram constantes e as unidades destinadas ao plantio da rubiácea não ultrapassaram os 33% do total dos proprietários. Destaca-se também o número de fazendas dedicadas especificamente à criação de animais. Elas eram importantes para o escoamento das mercadorias, já que, mesmo após a chegada das ferrovias, grande parte dos produtos era transportada por mulas (AUTOR, 2020b). Ademais, deve-se considerar o número de unidades não especificadas. Ainda que não se possa fazer afirmações conclusivas, infere-se que elas podiam se dedicar à produção gêneros alimentícios para o mercado interno. Essa ilação se fundamenta também no exame da forma como os dados são dispostos no *Almanak*. Há uma tendência, ao menos no que se refere a Nova Friburgo, de que os produtores de café e de cana, produtos de exportação, sejam especificados. Mesmo quando essa menção não ocorre, pode-se aventar a ligação dos proprietários com esses cultivos a partir dos implementos listados em suas

propriedades, como, por exemplo, os engenhos de pilões e/ou terreiros de pedra (MARRETTO, 2020).

Ainda no que se refere à batata, tendo em vista que o *Almanak* reunia pessoas que pagavam para serem anunciadas, a existência de um grupo destinado a esse cultivo ratifica o êxito dessa atividade econômica. Se, como mencionado, alguns colonos reclamavam da terra que receberam por ela ser capaz de produzir, apenas, “batatas”, a demanda pelo produto permitiu que os seus produtores auferissem lucros. O exame de jornais de circulação regional confirma esse quadro. Na década de 1850, foram localizados, no *Jornal do Commercio* (1850; 1852; 1854; 1855; 1857) e no *Correio Mercantil* (1852; 1855), alguns anúncios de estabelecimentos cariocas que vendiam “batatas de Nova Friburgo”. Não parece ser coincidência o fato de esse material ser encontrado no mesmo período em que o *Almanak* dava destaque aos cultivadores de batata.

Dessa forma, se esses dados ratificam a percepção de Mayer sobre a importância da batata, eles, também, apontam para os limites da sua análise. Se ele descobriu que a batata foi importante para as famílias de descendência alemã e suíça, o exame do *Almanak Laemmert* chama a atenção para o papel dos luso-brasileiros (Quadro 4):

Quadro 4 – Cultivadores de Batatas – Freguesia de São João Batista - Nova Friburgo (1857-1864)

Alexandre Tranin	José Coelho
Antonio Francisco de Bragança	José Firmino de Siqueira
Antonio José de Siqueira	Manoel Francisco do Canto
Carlos Francisco de Bragança	Manoel José de Siqueira
Domingos Gomes de Siqueira	Manoel José de Souza Pereira
Francisco Jacintho da Silva	Manoel José de Souza Pereira Junior
Jacinto da Silva Queiroz	Thomaz da Rocha Teixeira
João Luiz de Siqueira Queiroz	Viúva D. Maria Francisca de Castro
João de Souza Guimarães (Herdeiros)	

Negrito: cultivadores de batatas, que, após 1864, foram listados na Freguesia de Sebastiana.

Fonte: Elaborado pelo autor (Almanak Laemmert – 1857-1864)

Nota-se, na listagem, que apenas Alexandre Tranin não era luso-brasileiro. Além disso, não estavam presentes nela imigrantes suíços e alemães, já que Tranin era francês. Tendo em vista que a região analisada por Mayer – atualmente, as localidades de São Pedro da Serra e Lumiar -, naquele momento, não formavam uma freguesia, os imigrantes por ele analisados figuravam nas listagens dos territórios de São João Batista e/ou de São José do Ribeirão. A família de origem francesa é a única das analisadas por Mayer que se situava no Vale do Rio Macaé.

A partir dos dados já apresentados sobre a adaptação da batata às terras secas e ao clima frio, defende-se, aqui, que a produção de batatas se concentrava em outra região do município de Nova Friburgo, uma área localizada no lado oposto da estudada por Mayer, ou seja: as chamadas “Terras Frias”. Esse território ainda pouco estudado pela historiografia regional se caracteriza pela elevada altitude e pelo clima frio, com a ocorrência de geadas. Situada, em grande parte, ao longo do que hoje é a Rodovia Estadual 130 (Estrada Friburgo-Teresópolis), a área é um importante centro produtor de gêneros agrícolas destinados a mercados locais e à capital do estado. Devido à baixa temperatura, ela não era tão propícia ao cultivo de café, e, por isso, gêneros como milho, feijão e batata movimentavam a economia local. Outras pesquisas apontam para a importância da criação de mulas e dos tropeiros que, por meio das estradas, transportavam as mercadorias e faziam daquele espaço uma região de passagem, de encontros e de oportunidades (FRAZÃO, 2020a; 2020b; 2021). Esses estudos demonstraram também que essa área de interseção, próxima de Minas Gerais e marcada pela presença de imigrantes lusos, era composta por porções de três freguesias friburguenses da segunda metade do século XIX: São João Batista (sede da administração); Nossa Senhora de Conceição do Paquequer (atual Sumidouro) e Sebastiana.

Assim, mesmo tendo em mente que não se deve limitar a região “Terras Frias” aos limites de Sebastiana, o exame dos proprietários dessa freguesia reforça o argumento sobre o local da produção de batata em Nova Friburgo. A listagem apresentada no *Almanak Laemmert* mostra que grande parte dos fazendeiros de Sebastiana era, na verdade, composta pelos antigos cultivadores de batatas, que, até 1864, foram listados na Freguesia de São João Batista. Para demonstrar essa situação, apresenta-se, a seguir, o Quadro 5, elaborado com base na averiguação dos seis anos consecutivos após a criação de Sebastiana:

Quadro 5 - Fazendeiros da Freguesia de Sebastiana - Nova Friburgo (1865-1871)

Ano*	Nº Total ¹	Nº. Ant. P. Batata (S.J.B.) ²	% ³
1865	9	6	67%
1866	9	6	67%
1868	11	7	64%
1869	11	7	64%
1870	11	7	64%
1871	11	7	64%

1 – Número total de fazendeiros listados na Freguesia de Sebastiana.

2 –Número de fazendeiros de Sebastiana que anteriormente foram listados como produtores de batatas na Freguesia de são João Batista (Sede da administração de Nova Friburgo).

3 – Relação percentual entre o número total de fazendeiros da Freguesia de Sebastiana e o número de fazendeiros de Sebastiana que anteriormente foram listados como produtores de batatas na Freguesia de são João Batista (Sede da Vila de Nova Friburgo).

Fonte:

*A listagem desses anos se justifica pelo fato de o *Almanak* não apresentar informações sobre os proprietários de Sebastiana nos anos seguintes (1872 a 1874). Quando a listagem reaparece, em 1875, o número de proprietários havia mais que dobrado, o que alteraria sobremaneira o percentual.

Elaborado pelo autor (Almanak Laemmert – 1857-1864)

Os dados demonstram que mais de 60% dos proprietários da nova freguesia foram relacionados ao cultivo de batatas. Os nomes destacados (em negrito) no Quadro 4 são os que passaram a figurar em Sebastiana. Mais uma vez ressalta-se o papel dos luso-brasileiros na agricultura daquela região, já que nenhum dos fazendeiros listados tinha sobrenomes das famílias imigrantes suíças e/ou alemães. O fato de muitos lusos residentes na freguesia serem de Açores, local em que a batata também se disseminou, pode ter colaborado para a difusão do cultivo, que, era destinado tanto para o mercado quanto para a subsistência.

Chama a atenção também o fato de não haver mais qualquer menção à “cultura de batatas” nas páginas do *Almanak* dedicadas a Nova Friburgo. Seria possível que esse desaparecimento se deva à diminuição e/ou até extinção dessa produção ao longo das décadas do século XIX? A análise de um outro documento da administração da municipal fornece pistas para o entendimento dessa questão. Em fevereiro de 1883, o Governo Imperial pediu informações sobre o estado da agricultura na Vila de Nova Friburgo (PORTARIA, 1883). Diante do pedido, a Câmara indicou algumas pessoas que escreveriam um relatório dessas atividades em cada uma das freguesias do município. Haja vista Paquequer, naquela data, já não pertencer mais a Friburgo, foram encontradas, nos arquivos do Fundo Municipal, informações de duas unidades que formavam a região das “Terras Frias”: São João Batista e Sebastiana. No ofício referente à produção da sede do município, a batata, o café, o milho, o arroz e a mandioca aparecem como as principais culturas agrícolas (OFÍCIO GALIANO DAS NEVES, 1883). Já no documento que descreve a outra porção territorial, destacavam-se os cultivos de cereais (milho, feijão e arroz), da mandioca e, em menor escala, da uva, com a qual se fazia algum vinho. Outro dado importante do documento se refere à produção de batatas, “principal fonte da antiga riqueza desta freguesia”, que, após ser atacada por uma praga, destinou-se praticamente ao consumo interno (OFÍCIO DE ALFREDO AUGUSTO DE FREITAS, 1883).

Pelas informações listadas acima, a batata, antiga riqueza regional, foi alvo de uma moléstia que afetou a produção. Apesar da falta de confirmação em outros documentos administrativos, alguns manuais agrícolas destacam que a batata era constantemente assolada por pragas. Antonio Carvalho relata que, em 1845, várias plantações foram assoladas pelo “mal da batata”, causada por um cogumelo que podia, em poucos dias, destruir toda a produção (CARVALHO, 1899, p. 129). Já Theodoro Peckolt afirma que um “mal”, causador do apodrecimento do tubérculo, afetou as plantações de Nova Friburgo em 1865, fazendo com que muitos abandonassem o cultivar (PECKOLT, 1871, Vol. 2, p.84-85).

Diante desses documentos, não se pode negar que houve uma doença que afetou a produção de batatas em Nova Friburgo. A indagação que se coloca é se essa produção foi extinta por ela, fazendo com que o município perdesse seu papel enquanto grande produtor. Ao que parece a resposta a essa pergunta é não. Os próprios dados do Censo Agrícola de 1920 confirmam que Nova Friburgo adentra o século XX como um grande cultivador e outros documentos confirmam isso (BRASIL, 1920). Localizaram-se, nas décadas de 1880 e 1890 outros anúncios das “batatas de Friburgo” nos jornais *Gazeta de Notícias* (1880) e *O Fluminense* (1894). Além disso, o exame da listagem dos produtos escoados pela Estrada de Ferro Cantagalo, em 1886, confirma essa tese. Segundo os dados, extraídos do *Discurso do Presidente de Província de 1887*, toda a produção de batata – cerca de 83 mil quilos – que circulava pela ferrovia, que ligava o interior do estado a Niterói, era embarcada nas estações localizadas em Friburgo. Tendo em vista outros estudos (FRAZÃO, 2020a; 2020b; 2021) que informam que uma parte da produção de Sebastiana também era escoada para o Rio de Janeiro, por meio de Magé, ainda se pode inferir que o volume de batatas que chegava ao litoral era ainda maior. Além disso, existem documentos demonstrando a presença do comércio de batatas, nas “Terras Frias” na década de 1920 (CARTA DE E. DODSWORTH À FRANCISCO LIPPI, 1924). Por fim, o fato de parte das Terras Frias ter passado, em 1901, a pertencer a Teresópolis só reforça o papel da batata, a médio prazo, na economia local, já que essa região contribuiu significativamente para o município ter se tornado o principal produtor do estado em 1920 (BRASIL, 1920).

Considerações finais

Ao longo dessa digressão espera-se que tenha ficado clara a importância dos estudos regionais para o entendimento da agricultura brasileira, que não se voltava, apenas, à

exportação. A partir de tal perspectiva, o texto apresentou informações sobre os principais cultivares produzidos por uma área que buscava atender às demandas do mercado interno. Identificou-se que a batata, alimento que causou uma revolução na Europa, foi um dos produtos mais consumidos pelos habitantes de Nova Friburgo. A presença de imigrantes europeus, já habituados com o consumo e com plantio da batata, as condições do clima e do solo friburguense e a carestia de alimentos no Rio de Janeiro favoreceram a expansão desse cultivo.

Por meio da análise de um conjunto de fontes impressas, salientou-se que o cultivo do tubérculo não foi conduzido somente pelos imigrantes suíços e alemães que chegaram à Vila nas primeiras décadas do século XIX. Ao contrário, defendeu-se que o produto foi cultivado por um grupo de proprietários luso-brasileiros que conseguiu substanciais rendimentos econômicos. A publicação de vários anúncios das batatas de Nova Friburgo em jornais cariocas confirmou a demanda existente por essa produção. O fato de esses agentes terem tido condições de patrocinar a publicação de seus nomes no *Almanak Laemmert* ratificou a tese de que essa produção possibilitou acúmulo de renda e de prestígio social. Outrossim, o desaparecimento do grupo da “cultura da batata” no periódico não deve ser relacionado à interrupção da lavoura, que, nas chamadas “Terras Frias”, continuou a ter papel de destaque na economia local até as primeiras décadas do século XX.

Por fim, o caráter introdutório desse estudo coloca a necessidade de realizar outros exames sobre a temática. Uma análise pormenorizada da biografia dos agentes dedicados ao cultivo da batata revelaria vários outros aspectos importantes, tais como: o tamanho das suas propriedades; a mão de obra utilizada; e o padrão de riqueza acumulada. Caberia, ainda, verificar os cargos administrativos ocupados por esses proprietários ao longo do tempo, o que ajudaria a dimensionar o seu papel social na sociedade local. Todas essas informações ajudariam a entender o fato de os agentes desse grupo passarem a ser listados na Freguesia de Sebastiana, como “fazendeiros”. Existem, assim, muitas outras histórias a serem contadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan; MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira (orgs). *História & Alimentação: Brasil séculos XVI-XXI*. Belém: Paka-Tatu, 2020.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editoria Itatiaia, 1997.

ARAÚJO, João Raimundo. *A construção do mito da suíça (1910-1960)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2003.

ARAÚJO, João Raimundo; LO BIANCO, Regina; COSTA, Ricardo Rosa da Gama (orgs.) *Teia Serrana II: novos temas e novas abordagens*. Nova Friburgo: Marca Gráfica Editora, 2019.

ATAS DA CÂMARA DE NOVA FRIBURGO. Transcrição de Carlos Jayme S. Jaccoud. Nova Friburgo: Fundação D. João VI, 2015.

BOM, Henrique. *Imigrantes: a saga do primeiro movimento migratório organizado rumo ao Brasil às portas da independência*. Nova Friburgo: Imagem Virtual, 2004.

BOTH, Marcio. Mudar para permanecer: o atraso da agricultura brasileira sob perspectiva comparada (séculos XIX e XX). *Revista de História Comparada* (UFRJ). Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 73-110, 2020.

BRASIL. Censo de 1920. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=26461>. Acesso em: 8 maio 2021.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII*: I. As estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Carta de E. Dodsworth À Francisco Lippi, 1924. Museu Lippi. Venda Nova. Teresópolis.

CARVALHO, Antonio. Uma fazenda mineira. Monografia-estudo de uma fazenda modelo. Belém. Typ. do Diário Oficial, 1899.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. Primeiro Volume. Cardápio indígena, dieta africana e ementa portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Ao Sul da História: lavradores pobres na crise do trabalho escravo*. Rio de Janeiro: Editoria FGV, 2009.

CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro. Edições de: 11/06/1852; 09/12/1855, 13/10/1855. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709530&pesq>. Acesso em: 1º jul. 2021.

COSTA. Emília Viotti. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COSTA, Ricardo Gama da Costa; GUIMARÃES, Fernanda (orgs). *Memórias do legislativo friburguense: 200 anos de história da Câmara Municipal*. Nova Friburgo: Gráfica Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, 2020.

CUNHA, José Luiz. *Os colonos alemães de Santa Cruz e a fumicultura. Santa Cruz do Sul. Rio Grande do Sul (1849-1881)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná, 1988.

EL-KAREH, Almir Chaiban; BRUIT, Héctor Hermán. Cozinhar e comer em casa e na rua: culinária e gastronomia na Corte do Império do Brasil. *Estudos Históricos*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, n. 33, 2004, p. 76-96.

FARIA, Sheila de Castro. *Terra e trabalho em Campos dos Goitacases (1850-1920)* Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1986.

FONSECA, Padre Antonio Caetano. Manual do Agricultor dos gêneros alimentícios. Ou methodo da cultura mixta destes gêneros nas terras cansadas. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1863.

FRAZÃO, Gabriel Almeida. Um negociante das “Terras Frias”: uma análise das estratégias de aquisição fundiária do português Antonio José Mendes (Nova Friburgo, 1860-1914). *Revista Maracanan*, v. 1, p. 59-82, 2020a.

FRAZÃO, Gabriel Almeida. Caminhos e descaminhos de um político local: considerações sobre as estratégias e a trajetória de Dimas Ferreira Pedrosa (Nova Friburgo - 1844-1882). In: COSTA, Ricardo Gama; GUIMARÃES, Fernanda. (Org.). *Memórias do legislativo Friburguense: 200 anos de História da Câmara de Nova Friburgo*. Nova Friburgo: Gráfica Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), 2020, v. 1, p. 75-94.

FRAZÃO, Gabriel Almeida. A nobreza agrária das Terras Frias: análises preliminares das estratégias políticas, sociais e econômicas de Dimas Ferreira Pedrosa (Nova Friburgo/RJ - Séc. XIX). *Revista de História Regional*, v. 26, p. 507-538, 2021.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. Formação da família brasileira sobre o regime patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro. Edição de 25/03/1880. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=103730&pesq>. Acesso em: 1º jul. 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro. Edições: 04/10/1850; 17/12/1852; 25/02/1854; 07/02/1855; 04/04/1857. Disponíveis em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568&pesq>. Acesso em: 1º jul. 2021.

LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação*. O Abastecimento da Corte na Formação Política do Brasil – 1808-1842. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LINHARES, Maria Yeda Leite. *História do Abastecimento: uma problemática em questão (1530-1918)*. Brasília: BINAGRI, 1979.

LINHARES, Maria Yeda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *História da Agricultura Brasileira: combates e controvérsias*. São Paulo: Brasiliense, 1981

LISBOA, Edson de Castro. *Duas Barras, nos Caminhos da Tapera*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

LISBOA, Edson de Castro. Café e Escravidão em Nova Friburgo no século XIX. In: MAYER, Jorge Miguel; ARAÚJO, João Raimundo (Orgs.) *Teia Serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Editora ao livro Técnico, 2003, p. 81-105.

MACHADO, Marina Monteiro. Almanak Laemmert. In: MOTTA, Márcia; GUIMARÃES, Elione (Orgs.) *Propriedades e disputas*. Guarapuava: Unicentro; Niterói: EDUFF, 2011, p. 159-162.

MARRETTO, Rodrigo Marins. Os Sertões do Leste da Província da Província Fluminense: Cantagalo e Nova Friburgo sob o impacto da Segunda Escravidão (1820-1872). *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 10, n. 1, jan.-jul., 2017, p. 67-91.

MARRETTO, Rodrigo Marins. *A escravidão velada: senhores e escravos na formação da Vila de São João Batista de Nova Friburgo (1820-1850)*. Rio de Janeiro: Revan, 2018.

MARRETTO, Rodrigo Marins. Nas Rotas do Café e da Escravidão. In: COSTA, Ricardo Gama da Costa; GUIMARÃES, Fernanda (orgs). *Memórias do legislativo Friburguense: 200 anos de história da Câmara Municipal*. Nova Friburgo: Gráfica Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, 2020, p. 39-55.

MATOS, Artur Teodoro. Achegas para a História Econômica e Social da Ilha de São Miguel no ano de 1813. In: *ARQUIPÉLAGO*. Série Ciências Humanas, n. 1, jan. 1979, p. 163-180.

MAYER, Jorge Miguel; ARAÚJO, João Raimundo (orgs.) *Teia Serrana: formação histórica de Nova Friburgo*. Rio de Janeiro: Editora ao livro Técnico, 2003.

MAYER, Jorge Miguel. *Raízes de Mundo Caipira: o caso de Nova Friburgo*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2003.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. *Pelas Bandas d'Além: fronteira fechada e arrendatários escravistas em uma região policultora*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1989.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História Agrária. In: _____. (org.) *Dicionário da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 239-240.

NETO, Margarida Sobral. Introdução e expansão da cultura da batata na região de Coimbra (Secs. XVII-XIX). *Revista Portuguesa de História*. Tomo XXIX, Coimbra, 1994, p. 55-83.

NICOULIN, Martin. *A Gênese de Nova Friburgo*. Emigração e colonização suíça no Brasil (1817-1827). Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

PECKOLT, Theodoro História das Plantas Alimentares e de Gozo do Brasil. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1871.

Ofício do Coronel Galiano Emilio das Neves informando sobre a agricultura, indústria pastoril, etc, 1983. Doc. Nº 5000. Fundação D. João VI. Disponível em: <https://www.djoaovi.com/arquivo/promemoriadigital/fundoadmnf>. Acesso em: 1º dez. 2020.

Ofício de Alfredo Augusto de Freitas Pereira informando sobre a agricultura, indústria pastoril, etc. Arquivo do Fundo da Administração de Nova Friburgo, 1883. Doc. Nº 4989. Fundação D. João VI. Disponível em: <https://www.djoaovi.com/arquivo/promemoriadigital/fundoadmnf>. Acesso em: 1º dez. 2020.

O FLUMINENSE. Rio de Janeiro. Edição de 12/12/1894. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=100439&pesq>. Acesso em: 1º jul. 2021.

Portaria do Governo pedindo informação sobre o estado geral da agricultura e da indústria pastoril, 1883. Doc. Nº 4935. Fundação D. João VI. Disponível em: <https://www.djoaovi.com/arquivo/promemoriadigital/fundoadmnf>. Acesso em: 1º dez. 2020.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes. A Alimentação e o seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Ed. da UFPR, n. 42, 2005, p. 11-31.

SINIMBÚ, João Lins Vieira Cansanção. *Notícias das Colônias Agrícolas suíça e alemã fundadas na Freguesia de São João Baptista de Nova Friburgo*. Typographia Amaral e Irmão: Niterói, 1852.

TAVARES, Pedro Mota; LOPES, Ana Isabel. Cultivo e Consumo de Batata em Trás-os-montes: impactos socioeconômicos nos séculos XVIII-XIX. *População e Sociedade*. CEPSE. Porto, v. 33, jun. 2020, p. 65-78.